

Ativista, mãe e soropositiva

Foi no pré-natal da primeira gravidez que Izabelita Gonçalves, à época com 21 anos, recebeu o inesperado positivo. Repetia para si que iria morrer brevemente, tal qual seu ídolo Renato Russo, vencido pela aids naquele mesmo ano. “Ele não resistiu, quem dirá eu”, pensava.

Mas, de forma análoga ao espanto do diagnóstico, os anos seguintes também lhe causaram surpresa. Não somente resiste, como vive muito bem. Tornou-se professora, aposentou, cuidou dos pais, entrou e saiu de relacionamentos, fez amigos e, atualmente, integra o movimento social de luta e combate ao HIV.

Na gestação, iniciou um tratamento para não transmitir o vírus ao feto e, encaminhada ao Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB), recebeu apoio psicológico. “Sempre ressaltaram que, com o uso do AZT, a saúde do feto não seria afetada. Durante o trabalho de parto, tomei a medicação injetável e, após nascer, o bebê recebeu o antirretroviral em xarope. Quando Mariana fez 1 ano e 6 meses, realizou o teste e comprovamos ser negativa”, recorda-se.

A preocupação com uma gravidez precoce prevaleceu quando iniciou sua vida sexual; sobre o vírus, as informações eram escassas, fora que o senso comum pregava tratar-se de uma “doença gay”. No começo dos anos 1990, ainda não havia medicação, então, para os que se infectavam, o adoecimento era certo.

Com tantas novidades de uma vez, a ficha do diagnóstico só caiu após o nascimento da primogênita. “Pensei: agora que gerei uma criança saudável e dei uma netinha à minha mãe, posso partir em paz.” Mas, novamente, o destino lhe mostrou outro caminho.

Na visita de um ex-namorado enfermeiro, tomou conhecimento de um hospital na 508 Sul destinado ao atendimento de soropositivos. Lá, estavam os medicamentos que prolongariam sua vida e a permitiriam ver a filha crescer. Porém, não foi uma fase fácil. Com

efeitos colaterais intensos, os remédios eram de difícil ingestão e, em 2000 e 2001, sofreu uma neurotoxoplasmose, doença neurológica grave. Conseguiu se recuperar após meses de internação e, pouco tempo depois, com medicamentos melhores, sentiu-se mais fortalecida e, de fato, saudável.

Em casa, achou, por anos, que somente a mãe sabia do seu diagnóstico. Mais tarde, descobriu o poder daquela conversa que, entre cochichos, passava de um para outro. Todos sabiam. “Senti que as pessoas da família tinham um certo nojo de ir à minha casa e raramente fomos visitá-las. Mamãe sempre falava para usarmos apenas o banheiro na nossa casa e cada um tinha seu prato e sua xícara. Hoje, já superei, não tenho mágoa”, conta a professora aposentada, agora, com 47 anos.

Nos relacionamentos, viveu experiências semelhantes. Quando revelou ao parceiro e pai da filha sua soropositividade, convencida por uma terapeuta, ele sumiu e perderam o contato. Decepcionada, fechou-se para novas relações por um tempo. Até que, em 2016, apaixonou-se por um rapaz de outra cidade. Foram morar juntos e, aos 43 anos, já na menopausa, engravidou novamente. Deu à luz Miguel, um menino saudável, hoje, com quatro anos.

O namoro não foi para a frente, mas também não se tornou um impeditivo para novas vivências. Isso porque, quando conheceu e começou a frequentar a ONG Arco-Iris, em 2007, voltou a ter gosto pela vida. Lá, fez amigos, participou de palestras e tornou-se ativista pelo combate ao HIV.

Para as mulheres que receberam o diagnóstico da doença recentemente, Izabelita deixa o recado: “Não se sintam culpadas nem envergonhadas. Atualmente, o HIV se tornou uma doença crônica e não mais uma sentença de morte. Podemos levar uma vida normal como qualquer outra pessoa”.

Arquivo pessoal

